

**Espaço
e Economia**

Espaço e Economia

Revista brasileira de geografia econômica

4 | 2014

Ano II, Número 4

A “privatização” do meio ambiente na cidade de Cabo Frio: Uma reflexão a partir das contribuições de Pierre George

La “privatisation” de l’environnement dans la ville de Cabo Frio – Rio de Janeiro (RJ) : réflexions à partir des contributions de Pierre George

The “privatization” of the environment in the Cabo Frio city: a reflection from the Pierre George contributions

La “privatización” del medio ambiente en la ciudad de Cabo Frio – RJ : Una reflexión sobre las aportaciones de Pierre George

Felipe de Souza Ramão



Edição eletrônica

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/857>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.857

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Referência eletrônica

Felipe de Souza Ramão, « A “privatização” do meio ambiente na cidade de Cabo Frio: Uma reflexão a partir das contribuições de Pierre George », *Espaço e Economia* [Online], 4 | 2014, posto online no dia 11 setembro 2014, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/857> ; DOI : 10.4000/espacoeconomia.857

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NuPEE

A “privatização” do meio ambiente na cidade de Cabo Frio: Uma reflexão a partir das contribuições de Pierre George

La “privatisation” de l’environnement dans la ville de Cabo Frio – Rio de Janeiro (RJ) : réflexions à partir des contributions de Pierre George

The “privatization” of the environment in the Cabo Frio city: a reflection from the Pierre George contributions

La “privatización” del medio ambiente en la ciudad de Cabo Frio – RJ : Una reflexión sobre las aportaciones de Pierre George

Felipe de Souza Ramão

Introdução

- 1 Pierre George (1973 [1971], 1990 [1971], 1989) apresenta importantes contribuições sobre o meio ambiente, principalmente, no que se refere às relações com os fatores econômicos e políticos. O autor mostra a emergência da discussão ambiental no decorrer do século XX, e, a evidência que esse tema assume a partir das décadas de 1960 e 1970, sobretudo, no que o autor irá chamar de um novo sistema verde, cimentado na ideia de um meio ambiente enquanto mercadoria.
- 2 Nesse sentido, o autor mostra que essa nova mercadoria, constitui-se a partir da mercantilização de elementos como o sol, a praia, o espaço verde, a montanha, entre outros, e, ainda, que há uma relação política e econômica, que separa os consumidores desse novo sistema e aqueles que não possuem condições de se inserirem nessa nova lógica. (ibidem)

- 3 Inúmeros segmentos da sociedade irão incorporar o discurso ambiental; todavia, é importante ressaltar os novos ordenamentos territoriais, vistos em muitas cidades que tentam se adequar a esse tipo de turismo. Dentro de um grande universo de cidades, escolheu-se analisar o caso da cidade de Cabo Frio, localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, em uma região com belezas naturais, e, que possui um processo histórico voltado às atividades econômicas do sal e da pesca.
- 4 A cidade de Cabo Frio será um reflexo da incorporação desse ideário, e, da transformação de muitas cidades em “cidades turísticas”, muitas vezes, privatizando espaços, o uso e o acesso dos elementos do meio ambiente. Esse processo se dará de maneira paulatina e conflituosa na cidade do interior fluminense, contará com os esforços de governos municipais, estaduais e federais, de diferentes momentos, além da ação e participação da elite carioca, enquanto empreendedores de novos projetos e “consumidores” desse novo sistema.

Espaço, meio ambiente e a ação das classes dominantes

- 5 Segundo Pierre George (1973 [1971]) a centralidade do tema meio ambiente no século XX se dá a partir de um processo gradativo e conturbado, que inicia com uma série de dúvidas da gravidade do problema, seja pela recorrência dos eventos ou pela confiança na técnica, com sua capacidade de correção, e, tem um efeito catalisador com a profusão do medo, estratégia que transforma o contexto de ampla degradação ambiental em um roteiro apocalíptico do fim do mundo. Seria a tomada de consciência de um meio cada vez mais imposto, artificial, de intensas agressões da sociedade industrial, a partir de contornos dramáticos.
- 6 Assim, na segunda metade do século XX, com a globalização da degradação ambiental e com a emersão do meio ambiente enquanto uma questão de extrema relevância, será visível a adoção do medo enquanto estratégia, por exemplo, no lançamento do Relatório Limites do Crescimento (1971), quando há o alarde sobre o possível fim de alguns recursos naturais basilares para a economia moderna, juntamente com a necessidade de se repensar o crescimento¹. Um ano após o relatório, teremos a primeira conferência mundial do meio ambiente, em Estocolmo, na Suécia, que reunirá diversos países do mundo, mostrando o fortalecimento do debate².
- 7 O Relatório Limites do Crescimento, a Conferência de Estocolmo, e, mais tarde em 1987, o Relatório Brundtland, a Segunda Conferência Mundial do Meio Ambiente – Rio 92, entre outras conferências e documentos importantes, ressaltam de diferentes formas a ideia de que o meio ambiente é um bem comum, de uso coletivo, e, que deveria ser pensado a partir da coletividade. Souza (2005) ilustra esse sentido, quando critica o discurso do Relatório Brundtland do “*same boat*”, ou seja, que todos os seres humanos estariam no mesmo “barco”, no mesmo planeta, e, todos deveriam ter a responsabilidade na conservação do meio ambiente.
- 8 O discurso ambiental assume proeminência diante desse contexto, atingindo os mais variados segmentos da sociedade, assim:

Conclama-se a opinião pública à descoberta de seu meio ambiente, com o convite para que ela própria participe de sua remodelação ou para que dele fuja ocasionalmente. Tudo passa ser ‘meio ambiente’, não só a feiura, a sujeira, o

barulho, como também os estados psicofisiológicos possivelmente resultantes, tais como a fadiga ou a enfermidade. (GEORGE, 1973, p.8 [1971])

- 9 Ao mesmo tempo em que o meio ambiente passa a ser “tudo”, todos são responsabilizados pelo contexto de grande degradação ambiental, tornando fundamentais na gestão dos recursos para a geração futura, como salienta o Relatório Brundtland de 1987 (OLIVEIRA, 2011). Nesse sentido, as políticas ambientais caminham em direção contrária a esse discurso, já que passam a ser cada vez ditadas pelas classes dominantes, assim como o poder deliberativo das conferências, e, do discurso apresentado em relatórios e documentos. A conferência do Rio de Janeiro em 1992 exibiu um interessante conflito durante todo o evento, a divisão entre os líderes políticos de inúmeros países, alguns claramente defendendo os interesses das grandes empresas, e, a sociedade civil organizada, promoveu o debate sobre o meio ambiente em outro espaço, sem possuir poder consultivo e deliberativo (Idem).
- 10 George (1973 [1971]) ressaltará outro aspecto relevante diante desse contexto, que seria a emergência de um sistema verde, que se baseia numa visão do meio ambiente enquanto uma mercadoria, e, que muitas vezes privatiza um bem coletivo, constituindo relações econômicas de uso dos recursos, dividindo a população entre aqueles que possuem condições econômicas de se inserirem nesse novo sistema, e, daqueles que não possuem essas condições e são excluídos.

E passar-se-á a agir contra os ataques mais perigosos à segurança do meio ambiente. Erguer-se-ão paladinos que hão de inventar maneiras de lutar contra as agressões do meio. Como resultado, talvez se verifique um agravamento dos encargos sociais, uma elevação do preço de custo de certos produtos, e com toda a certeza o enriquecimento de novas empresas responsáveis pela criação de meios de seguro. O meio ambiente passa a ser um mercado, o seguro de uma mercadoria. O saneamento, o embelezamento do quadro de vida são objeto de novas produções e fonte de novos lucros. (GEORGE, 1973, p. 9, [1971])
- 11 George visualiza no início da década de 1970 um processo que será desdobrado nas décadas seguintes, que resulta na proliferação de empresas que se utilizam do discurso ambiental como marketing ou para oferecer um novo tipo de produto, sinalizando uma nova forma da economia capitalista lucrar diante de uma suposta crise ambiental. O sistema verde sinalizado pelo autor não se preocupa em criticar o modelo de desenvolvimento capitalista vigente, que sobrevive também a partir da degradação ambiental, e, que com a nova conjuntura consegue prorrogar esse modelo a partir de novos adjetivos, como o ecodesenvolvimento, concepção que surgirá na década de 70, ou do desenvolvimento sustentável, concepção que surgirá na década seguinte.
- 12 O consumo do produto verde ou “ecologicamente correto” significará o ingresso no sistema verde, concomitantemente, que resulta em um produto mais caro, não estando acessível a todos, assim, como os serviços e espaços verdes, que serão comercializados, muitas vezes, a partir de uma grande infraestrutura artificial, contudo, carregando o discurso ambiental. O campo passa a ser um espaço requerido, na ideia de uma “nova mitologia ruralista” (GEORGE, 1973, p.14), criando a oposição da pureza do campo à grande cidade poluída. Muitas cidades pequenas e médias com belezas naturais e com elementos do meio ambiente a serem comercializados ganharão novas infraestruturas para estarem adequadas a esse novo tipo de mercado, e as cidades com infraestrutura buscarão anexar espaços verdes em seus territórios.
- 13 A economia moderna não deixou de alargar o seu domínio sobre os locais; locais de procura de matérias-primas, locais de venda de produtos fabricados, locais de

transferência e de passagem de mercadorias e dos homens, locais de descanso, de visitas turísticas (...) valorizam os locais outrora indiferentes; o deserto ou as altas montanhas (...) geografia do turismo que escreve que escreve com letras de ouro Caraíbas ou Bali. (GEORGE, 1989, p. 128-129)

- 14 Há uma revalorização dos espaços a partir desses novos critérios; assim, o turismo passa a ser uma atividade relevante e fonte de lucro para diversas cidades. Há uma proliferação de serviços ligados diretamente ou indiretamente com esse modelo de turismo, e, conseqüentemente, o surgimento de novas empresas. A cidade que incorpora essa lógica introduz novas formas de ordenamento territorial, muitas vezes, a partir da exclusão e da remoção da população pobre, impossibilitada economicamente de se inserir no consumo verde ou localizada em áreas de interesse de novos empreendimentos.
- 15 Hotéis, resorts, condomínios, entre outros empreendimentos são criados e exploram diferentes elementos do meio ambiente, assim como selecionam o consumidor desse produto a partir de uma conjugação de fatores, que vão envolver a infraestrutura, a localização, os serviços e elementos simbólicos. Espaços e elementos do meio ambiente, antes públicos, serão privatizados, como uma área próxima à lagoa, ao mar, a áreas verdes, a montanha, ampliando o domínio das classes dominantes, que além de possuírem o poder de decisão nas políticas ambientais, terão o controle de espaços e do uso de elementos do meio ambiente.

A montanha se erija de hotéis de luxo, debaixo de uma rede de fios de alta tensão, de elevadores, (...) teleféricos (...) Tornou-se hoje em dia uma prática corrente a construção de edifícios de quinze ou vinte andares à beira mar, com o objetivo de proporcionar a um número sempre crescente de banhistas as vantagens de proximidades das praias. Os povos americanos, que dispunham de mais espaço deram o exemplo em Miami, em Copacabana, Guarujá, São Vicente, Mar del Plata, Miramar... (GEORGE, 1973, p. 92 [1971])

- 16 O raciocínio de Pierre George ainda denota os processos como a fuga da metrópole, seja a partir de uma saída definitiva de grupos, da consolidação de cidades pequenas e médias como segunda moradia, do espaço de estadias nos finais de semana ou em temporadas. Nesses últimos casos, é importante ressaltar que muitos desses destinos estão em uma distância que proporcione ao turista, morador de um grande centro metropolitano, encontrar a tranquilidade e o verde ausentes do seu cotidiano, ao mesmo tempo, que ele faça um percurso de poucas horas, tendo em vista o seu retorno para a metrópole.

A privatização do meio ambiente na cidade turística de Cabo Frio

- 17 Pierre George (1973 [1971], 1989, 1990 [1971]), como já visto, ilustra a incorporação do sistema verde a partir de diferentes exemplos, seja em países desenvolvidos, como nos casos dos Estados Unidos, ou na realidade de países subdesenvolvidos, como nos casos sul-americanos. As cidades atualmente continuam a incorporar a lógica do sistema verde, e a cidade de Cabo Frio é um excelente objeto empírico que comprova a análise do geógrafo francês.
- 18 Essa cidade está localizada no interior do estado do Rio de Janeiro e tem uma importância histórica nacional: como ponto estratégico no período de colonização e por suas reservas de pau-brasil, de extremo interesse para os portugueses; descrita como cidade do sal, com o estabelecimento da indústria salineira a partir de 1801; e, com o histórico vínculo com a

- pesca, a primeira atividade do município (LAMEGO, 2007; CHRISTÓVÃO, 2011; MELO, 2011).
- 19 Até década de 1950, Cabo Frio é reconhecidamente uma cidade pequena, com transformações espaciais lentas, uma população reduzida, com menos de 20 mil habitantes, com poucas oportunidades de emprego, uma ocupação do espaço voltada para a lagoa, e, com o sal e a pesca, na respectiva ordem, como as principais atividades econômicas do município. No final dessa década, a inauguração da Companhia Nacional Álcalis (1958), impulsionará a atividade salinera, com o uso do sal de toda a região no processo produtivo da barrilha e da soda cáustica, e, ainda sendo polo de atração de empregos, impulsionando o crescimento demográfico; e em 1962 a pesca é dinamizada com a indústria de conserva de peixe, oferecendo mais empregos para a população.
 - 20 O turismo irá ascender como atividade econômica nesse período de fortalecimento das atividades salinera e de pesca; contudo, o processo de introdução e posteriormente consolidação dessa atividade será gradativo, com esforços locais, de outras esferas públicas e com a intensa participação de grupos empresariais e a elite da cidade do Rio de Janeiro.
 - 21 Lamego, na década de (19)40, reconhece o potencial de Cabo Frio, ressaltando a beleza da praia do Forte, tendo em uma de sua extremidade o Forte São Mateus, símbolo histórico da colonização portuguesa, mas adverte: “Praia, porém deserta. Incompreensivelmente abandonada. Apenas dois ou três casebres e uma residência moderna atestam a presença humana” (LAMEGO, 2007, p. 12 [1946]). O autor ressalta o problema da água potável, que é um fator de repulsa para o veraneio, afirmando que mesmo tendo um custo alto, a canalização de água potável é urgente para a cidade. Além da água³, outros problemas estruturais são sentidos pelos turistas, com ressalva aos depoimentos de Rachel de Queiroz e José Lins do Rego⁴ (CHRISTÓVÃO, 2011).
 - 22 Diante da relação proposta por George (1973 [1971], 1989) entre a cidade, a atividade do turismo, voltada para a mercantilização do meio ambiente, e a construção de infraestruturas, há uma conjugação de esforços municipais e do governo do estado que serão fundamentais na criação de uma infraestrutura adequada para a implantação da atividade do turismo na cidade de Cabo Frio: na década de 40, a abertura da rodovia Amaral Peixoto e o Plano Diretor Amaral Peixoto, com o intuito de impulsionar o turismo nas cidades fluminenses; nas décadas de 1950 e 1960, as primeiras leis municipais para o turismo, a criação de órgãos, como a Comissão Municipal de Planejamento e Turismo de Cabo Frio – COMUPLATUR e o Departamento de Turismo de Cabo Frio, DTCTF, responsáveis pelo processo de urbanização e ocupação da cidade, a partir das necessidades do turismo. (CHRISTÓVÃO, 2011; ALVES, 2011)
 - 23 É a partir da década de 1950 que ganha força o processo de privatização dos espaços e do uso dos elementos do meio ambiente como mercadoria na cidade de Cabo Frio, onde há a relação proposta por George (1973 [1971]) entre incluídos e excluídos no sistema verde a partir da realidade econômica e do potencial de consumo de cada grupo, que em Cabo Frio assumirá um conflito entre a elite local e principalmente a elite carioca (posteriormente turistas de diversas procedências) e a população local pobre, que será excluída e não terá acesso a algumas áreas que eram de uso coletivo anteriormente.
 - 24 O bairro Ogiva é criado nessa década, localizado a alguns minutos do centro da cidade, também próxima a uma parte da lagoa. Seu nome significa “Organização Geral Imobiliária Várzea Alegre”, uma marca da expansão imobiliária, e esse espaço se consolida como um

refúgio para grandes personalidades como a atriz Tônia Carrero, Ivan Pitanguí (irmão do cirurgião Ivo Pitanguí) e a miss Brasil Marta Rocha, empresários, políticos de expressão nacional. Torna-se uma referência de glamour na Região dos Lagos, antes de Búzios (distrito de Cabo Frio nesse momento) ter expressão nacional e internacional, principalmente com a visita da francesa Brigitte Bardot na década de 1960. (CHRISTÓVÃO, 2011; BERANGER, 2003)

- 25 A ocupação do espaço ganha novos sentidos e rumos, desde o bairro Ogiva até a ocupação perto da praia do Forte, ambas fora do sentido histórico de ocupação. Assim, teremos intensos impactos ambientais, desde a retirada de vegetação, desmonte de dunas, posteriormente, aterros, etc. Já inicia uma forte valorização do solo, todavia, em específicas áreas que não irão beneficiar parte dos moradores mais antigos da cidade, alguns, inclusive, venderam suas casas a preços irrisórios (MOURA, 2011; CHRISTÓVÃO, 2011).

Na década de 50, ao mesmo tempo em que acontecem as primeiras ações de preservação, há também o crescimento no turismo, especialmente de veraneio, gerando novas demandas na cidade. Na Praia do Forte, onde está localizado o Forte São Matheus, há o desmonte de dunas para a construção de hotéis e clubes na faixa de areia, enquanto na cidade se inicia um processo de verticalização nas imediações dos remanescentes do Convento de Nossa Senhora dos Anjos e a ampliação das construções irregulares nos fundos do Convento, ao sopé do Morro da Guia. (ALVES, 2011, p.156)

- 26 No início da década de 70, temos dois projetos que irão consolidar a ideia de meio ambiente como mercadoria na cidade de Cabo Frio: a construção dos condomínios Moringa e Moringuinha, e a construção do condomínio Marinas do Canal, na beira da lagoa, em área de União, que foi ocupada a partir de um diálogo da prefeitura de Cabo Frio com o Governo Militar⁵, e, concomitantemente, do governo local com grupos empresariais. (MOURA, 2011; MELO, 2011) Em relação ao condomínio Moringa, “o local era uma área de mangue que foi aterrada e loteada de forma que as casas possuíssem um *deck* que permitisse ancorar seus barcos” (CHRISTÓVÃO, 2011, p. 107).
- 27 O condomínio *Marinas do Canal* se localiza na outra margem da lagoa, em um bairro tradicionalmente ocupado por pescadores artesanais, que tiveram algumas passagens dificultadas por conta do empreendimento. A área ocupada pelo condomínio de luxo, na beira da lagoa, passa a ser uma propriedade privada, onde a população local passa a não ter mais acesso. A privatização do meio ambiente em Cabo Frio ainda assume uma questão de valor, daquilo que é velho, arcaico, simbolizado pela pesca, e, do novo, moderno, simbolizado pelo turismo, pelos condomínios, etc.

A localização dos condomínios da Moringa e da Marinas do Canal – foto de 2006.



FONTE: MELO, 2011.

- 28 Na mesma década temos a construção da Ponte Rio-Niteroi (1974), que é uma importante via de ligação do Rio de Janeiro com toda a Região dos Lagos, uma intensificação da imagem de cidade do turismo, com as inúmeras propagandas sobre Cabo Frio, desde o bombardeio nos jornais e revistas especializadas do estado do Rio de Janeiro, passando pela escala nacional e chegando a escala internacional (principalmente, com o distrito de Búzios) (CHRISTÓVÃO, 2011).
- 29 Há um vertiginoso crescimento da rede hoteleira na cidade, principalmente na parte central da Praia do Forte, desde a década de 1970, com destaque para o exuberante hotel Malibu, uma referência local. Atualmente, a rede hoteleira de Cabo Frio continua crescendo e servindo a grupos de elite, contando com inúmeros hotéis agora em toda a trajetória da Praia do Forte, na orla da praia do Perú e das Conchas, em vários pontos próximos a lagoa, e, em espaços que vendem o verde, como alguns hotéis localizados próximos ao Parque da Costa do Sol, próximo ao município de Búzios.
- 30 Há ainda uma mercantilização do meio ambiente a partir da espetacularização em Cabo Frio, com a transformação de uma grande área de manguezal no Parque Municipal Dormitório das Garças, concluído em 2001. Esse parque divulgado como um espaço de educação ambiental, referência regional de conservação do meio ambiente, e, ainda mais um espaço turístico para a cidade, apresenta intensos conflitos⁶, entre a população de bairros periféricos, que historicamente utilizam o espaço como lazer, e, a coordenação do parque, que a partir de uma regulamentação, vide a legislação ambiental brasileira, condicionou a entrada e a permanência desses grupos, como mostra Moura (2005).

Considerações Finais

- 31 As contribuições de Pierre George são extremamente relevantes na compreensão das relações entre economia, espaço, política e meio ambiente, sobretudo, no que tange a emergência do discurso ambiental, a partir do contexto da consolidação de um sistema verde, que apenas tem o interesse de retocar o modelo de desenvolvimento, a partir de novas condições. Além disso, o autor traz importantes reflexões sobre a relação entre meio ambiente e cidade (RAMÃO, 2013).
- 32 A incorporação do discurso ambiental se tornou um processo global no decorrer dos séculos XX e XXI, atingindo os mais diferentes segmentos da sociedade, contando com inúmeros interesses estratégicos, desde a empresa que pretende vender o produto “ecologicamente correto”, até a cidade, que constitui novos ordenamentos territoriais, para se adequar ao turismo.
- 33 O meio ambiente como mercadoria em Cabo Frio significou a projeção da atividade do turismo, em detrimento da atividade salineira e da pesca, durante a segunda metade do século XX. As salinas foram alvos de projetos imobiliários, e a indústria salineira perdeu gradativamente a centralidade e os investimentos; a pesca artesanal também sofrerá abalos com a ação imobiliária e dos grandes empreendimentos, que irão relacionar a pesca artesanal à ideia de atraso. A própria relação de vínculo, de conhecimento e de proximidade entre os pescadores e o meio ambiente – compreendido por GEORGE, (1973 [1971]) como meio geográfico, meio de vida, próximo à ideia de espaço vivido – tem se perdido cada vez mais em Cabo Frio.
- 34 A cidade turística apareceu como uma proposta inevitável de desenvolvimento, que iludiu grande parte da população cabofriense, tendo muitos espaços e elementos do meio ambiente privatizados, a partir de uma conjugação de esforços dos governos locais, da esfera estadual e federal, além da elite carioca, presente a atuante durante todo o processo. Essa elite incorpora na realidade de Cabo Frio processos já vistos na cidade do Rio de Janeiro, como o uso da praia como mercadoria, uma reprodução da capital, ao mesmo tempo em que esse processo revela a expansão dos investimentos em novos espaços⁷ em uma estratégia para obter mais lucros.
- 35 O meio ambiente passar a ser ideologicamente um bem comum, quando se trata da necessidade de conservação, inclusive, para omitir as diferentes intensidades de ações humanas; contudo, torna-se restrito aos grandes chefes de estado e as empresas, no poder de decisão em grandes eventos, na produção de documentos e relatórios, e, ainda assume um caráter privado, quando se trata de espaços com interesses mercadológicos, que estão voltados para o atendimento de um pequeno grupo.

BIBLIOGRAPHY

ALVES, M. R. da Silva. *Conjunto paisagístico de Cabo Frio*. In XII SIMPURB, Belo Horizonte, MG, 2011.

- BERANGER, A. F. *Dados Históricos de Cabo Frio* – Cabo Frio: PROCAF, 2003.
- CHRISTÓVÃO, J. H. de O. *Do sal ao sol: a construção social da imagem do turismo em Cabo Frio*. Dissertação de mestrado. São Gonçalo, UERJ, (2011).
- DIEGUES, A. C. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. 6ª edição, Hucitec. São Paulo, 2008 [1996].
- GEORGE, P. O. *Meio Ambiente. Difusão Européia do livro – Saber Atual*. São Paulo, 1973 [1971].
- GEORGE, P. O. *Geografia dos Estados Unidos*. Papirus Editora, Campinas, SP, 1990 [1971].
- GEORGE, P. O. *O homem na terra – A Geografia em ação*. Universo da Ciência, Rio de Janeiro, 1989.
- HARVEY, D. *A Produção Capitalista do Espaço*. Editora Annablume, 2005.
- LAMEGO, A. R. *O homem e a restinga* – Rio de Janeiro: Edição fac-similar – Rio de Janeiro: IBGE, 2007 [1946]
- MELO, E. S. O. de. *Gênese da urbanização turística em Cabo Frio (1950 – 1978)*. XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, 2011.
- MOURA, J.H.M. *Estratégias para a conservação e manejo do Parque Municipal Ecológico Dormitório das Garças, Cabo Frio, RJ*. Dissertação de Mestrado. Niteroi, RJ. UFF, 2005.
- MOURA, R. P. de. *E o mar vai virar aterro – antropologia, direito e conflito nas disputas por espaços num bairro do interior fluminense*. Encontro Nacional de Antropologia do Direito, São Paulo, 2011.
- OLIVEIRA, L. D. de. *A Geopolítica do Desenvolvimento Sustentável: Um estudo sobre a Conferência do Rio de Janeiro (RIO-92)*. 264 p. Tese (doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, UNICAMP, Campinas, 2011.
- RAMÃO, F. de S. *Meio Ambiente e Espaço Urbano nas décadas de 60 e 70: Reflexões de Pierre George*. In: XIII SIMPURB, Rio de Janeiro, 2013.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *O desafio metropolitano: Um estudo sobre a problemática sócioespacial nas Metrópoles Brasileiras*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NOTES

1. O relatório Limites do Crescimento propõe uma interpretação neomalthusiana para o debate da relação entre sociedade e os recursos naturais, atribuindo à população pobre as maiores responsabilidades pela ampla degradação ambiental.
2. George (1973) identifica uma série de encontros e conferências na Europa na primeira metade do século XX, que contribuem para o desenvolvimento da política ambiental.
3. Atualmente, a água ainda é um problema, principalmente, no período de alta temporada, quando há um aumento significativo de turistas e de consumo de água, tendo como consequência direta a falta de água.
4. Ambos mostram as deficiências da estrutura turística da cidade: José Lins do Rego reclamando da falta de hotéis, conforto e de estradas de rodagem com qualidade; e Rachel de Queiroz comparando a importância econômica do turismo com outras áreas, mas sinalizando o problema da pobreza, que deveria ser prioritário (CHRISTÓVÃO, 2011).
5. Durante os mais de 20 anos do regime militar, foram emitidos vários decretos relativos às terras da cidade (MOURA, 2011).
6. Sobre os conflitos em parques, é importante ressaltar que nos Estados Unidos, desde o século XIX, assim como em outros países, a gestão de muitos desses espaços foi concedida para

sociedades privadas, tendo inúmeras consequências sociais e em relação ao uso e acesso do meio ambiente. (GEORGE, 1990 [1971]). Diegues (2008 [1996]) ainda afirma que o Parque de Yellowstone nos Estados Unidos no século XIX, escondia por detrás de sua exuberância e pioneirismo, um processo de remoção de um grupo indígena.

7. David Harvey (2005) expõe claramente que em uma crise de superacumulação do capital será possível buscar como saídas: o investimento e exploração de um espaço novo e o investimento no tempo, ou seja, em negócios que serão lucrativos no futuro próximo.

ABSTRACTS

Nos anos de 1960 e 1970, o capitalismo inaugura o sistema verde. Seu objetivo era claro: gerir os problemas ambientais porém sem tocar no modelo de desenvolvimento. Esta realidade será apropriada pelas mais diferentes cidades dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, nas quais a natureza tornou-se mercadoria. É o caso da cidade turística de Cabo Frio (RJ), onde podemos constatar a exploração da praia e dos espaços verdes pela classe dominante. Em nossa pesquisa, retomamos as contribuições do geógrafo francês Pierre George (1909-2006), importante na discussão sobre a mercantilização da natureza.

Dans les années 1960 et 1970, le capitalisme inaugure le système vert. L'objectif était clair: gérer les problèmes environnementaux mais sans toucher au modèle du développement. Cette réalité sera appropriée par les plus différentes villes des pays développés et sous-développés, dans lesquelles la nature est devenue une marchandise. C'est le cas de la ville touristique de Cabo Frio (RJ), dont on peut constater l'exploitation de la plage et des espaces verts par la classe dominante. Dans notre recherche, on reprend les contributions du géographe français Pierre George (1909-2006), important dans la discussion sur la mercantilisation de la nature.

In the 1960s and 1970s, capitalism inaugurates the green system. His intention was to manage environmental issues without touching on the development model. This reality will be more appropriate for different cities of developed and underdeveloped countries, with nature as a commodity. In the tourist city of Cabo Frio (RJ), was exploring the beach and green areas by the dominant classes. In our research, we resumed the contributions of the french geographer Pierre George (1909-2006), important in the discussion of the commodification of nature.

En los años 1960 y 1970, el capitalismo inaugura el sistema verde. Su objetivo era claro: para manejar los problemas ambientales, pero sin tocar el modelo de desarrollo. Esta realidad será más apropiada para diferentes ciudades de los países desarrollados y subdesarrollados, en los que la naturaleza se ha convertido en mercancía. Esto se aplica a la ciudad turística de Cabo Frio (RJ), donde observamos la explotación de la playa y las zonas verdes de la clase dominante. En nuestra investigación, reanudamos las aportaciones del geógrafo francés Pierre George (1909-2006), importante en la discusión de la mercantilización de la naturaleza.

INDEX

Mots-clés: environnement, développement, capitalisme, Cabo Frio, Pierre George

Keywords: environment, development, capitalism

Palavras-chave: meio ambiente, desenvolvimento, capitalismo

Palabras claves: medio Ambiente, desarrollo

AUTHOR

FELIPE DE SOUZA RAMÃO

Mestrando em Geografia pela UERJ - FFP (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores). Email: felipesouzaspa@gmail.com